

CHE - CÂMARA DE CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS E EDUCAÇÃO ( COMUNICAÇÃO COORDENADA )

NOME: DOUGLAS TOMÁCIO LOPES MONTEIRO

TÍTULO: FORMAÇÃO TEÓRICO-PROFISSIONAL E CURRÍCULO COMUM: PASTEURIZAÇÃO CURRICULAR E PRETENSA HOMOGENEIZAÇÃO OU DEFESA DE UM IDEAL VÁLIDO?

AUTORES: DOUGLAS TOMÁCIO LOPES MONTEIRO, DOUGLAS TOMÁCIO, DANIELLE BARBOSA DE ALMEIDA, ILDILÉIA OTONI RIBEIRO, KARLA CRISTINA ROSA DA ROCHA, LUCEIR ALMEIDA MORAIS GOMES, RAFAELA BARBOSA DE ALMEIDA

PALAVRA CHAVE: FORMAÇÃO TÉCNICO-PROFISSIONAL, CURRÍCULO COMUM, PROGRAMA JOVEM APRENDIZ

## RESUMO

Este trabalho, fruto de pesquisa ainda em curso no âmbito da pós-graduação em Educação, surge com vistas à investigação acerca da viabilidade educacional de um currículo unificado na formação técnico-profissional de adolescentes em uma instituição qualificadora, credenciada junto ao Programa Jovem Aprendiz, frente à vastidão sociocultural e regional discente por ela atendida. A instituição investigada, com sede na capital carioca, conta ainda com filiais em todas as regiões do território nacional. Nisso detidos, suportamo-nos em autores como Gil (2012), Marconi e Lakatos (2010), Severino (2007) e André (2005), que, metodologicamente, foram importantes para o entendimento desta pesquisa de abordagem qualitativa, descritiva em seus objetivos, e de caráter documental, quanto aos seus procedimentos técnicos. Dentre os documentos analisados estão: cronogramas de ensino, manuais docentes, apostilas e manuais de aprendizagem discentes e currículos. Embora desejássemos a análise, não havia nas unidades a que acessamos Projetos Políticos Pedagógicos.

Subvencionamo-nos ainda em Macedo (2014), Verde (2005), Silva (2015), Paraskeva (2002) e Apple (2008), que, dentre outros, dedicam-se de modo expressivo à discussão curricular – a qual tem hodiernamente encontrado significativo espaço frente às propostas bastante questionáveis quanto à proposição de uma Base Nacional Comum Curricular –, possibilitando-nos uma análise mais aprofundada acerca do que pode se entender como currículo e a maneira pela qual este se atrela a concepções político-pedagógicas que dizem muito sobre o que se entende enquanto formação discente, humana e projetos de sociedade.

Como sabido, uma das bases do Programa Jovem Aprendiz é a promoção da formação teórica aliada à prática. No âmbito da formação teórico-profissional, ocorrida em uma instituição qualificadora, o processo se dá a partir das orientações da Portaria 723, do Ministério do Trabalho, que autoriza a execução da estrutura curricular proposta pela instituição qualificadora.

Assim, a instituição, ainda que atendendo às normativas do poder central, goza de certa autonomia no processo de elaboração do currículo que ofertará a seu público. Tal trabalho, desafiador em sua gênese, pode tornar-se especialmente complexo quando em voga está uma instituição que, atendendo a público consideravelmente vasto e distinto, inclusive geograficamente, tem de elaborar uma proposta pedagógica ampla, um currículo que atenda aos anseios de sua comunidade estudantil e que os represente em suas especificidades.

Ao longo de nossa pesquisa, identificamos ser esse um gargalo à instituição qualificadora por nós investigada. Muito embora atenda seus educandos assumindo um discurso plural, como se pode ver pelas propagandas que ostenta acerca do trabalho desenvolvido em seus veículos midiáticos (cabe destacar não serem eles objetos específicos da investigação), os documentos analisados demonstram o contrário.

Falamos de uma formação "pasteurizada curricularmente", parafraseando os dizeres de Verde (2005). Isto é, a despeito das diferenças culturais, sociais, econômicas, regionais etc, a formação centrada está em um modelo único, que, pretensamente hegemônico, valoriza uma lógica que descontextualiza saberes, hierarquiza conhecimentos e invisibiliza o diverso. Esta, conforme vem apontando a pesquisa, tem demonstrado, pois, uma proximidade muito mais efetiva da regulação aquiescente aos modelos privados de gestão empresarial que daquela educativa atenta aos anseios da comunidade que atende, bandeira por ela levantada.

Um outro aspecto que a investigação tem demonstrado, e que cabe considerar, diz respeito ao que, à luz de Oliveira (2014), percebemos enquanto favorecimento de concepções instrumentais de ensino, que nos levam ao caráter executor de uma pedagogia tradicional. Tal fato parece então nos redimensionar a retrocessos significativos no que tange à formação efetivamente humana e nos conduzir robustamente ao que Verde (2005) assinala como neotecnicismo, especialmente visível nos manuais distribuídos aos docentes.

Também digno de consideração, e corroborando com o até então descrito, é o discurso documental afinado à lógica dos meios, composta da tríade eficiência, eficácia e efetividade, resultando, dentre outras coisas, na evocada unicidade formativa. Importante salientar, por exemplo, que algumas unidades sequer possuem um Plano Político Pedagógico, e, quando isso assinalamos, falamos de uma cópia; uma vez que o plano em questão deve ser aquele estabelecido pela unidade central. Assim, a instituição qualificadora, como aponta Macedo (2005), tenta fixar sentidos que sobredeterminam as demandas; criam-se fantasias e idealizações, a despeito da perda formativa humana. Assinala-se, com seu currículo único, uma formação obliterada, desta que, pensada por uma unidade central, desconsidera as demais, invisibilizando contextos, alunos e tolhendo possibilidades, elementos que não podem estar atrelados à formação técnico-profissional que se pretende humanizada e comprometida.

Enfim, até o momento, a pesquisa tem indicado um trabalho que revela-se frágil no atendimento às especificidades do público com o qual lida. Percebemos um currículo que, desatento às especificidades locais e culturais de um espaço, é pensado a priori por um grupo restrito, afinado à lógica que pasteuriza e se pretende uníssona; com formação voltada a um viés técnico e mercadológico, como se dela se pudesse excluir os homens e mulheres que cotidianamente a fazem, aceitam e recusam. Sabemos que são ainda resultados parciais, assim como sabemos ser essa uma discussão que não se encerra aqui (e nem se pretendeu), ficamos, ao fim, na expectativa das trocas, de um olhar sensível a entraves que hoje com expressão se configuram no debate educativo e que nos conclamam à luta efetiva contra discursos que se pretendem comuns, únicos.